



PANORAMA AGRO MENSAL

31/10/2023

DESTAQUES

INSUMOS

Preços globais de fertilizantes sustentam alta de 14% após mais de um ano em queda, movidos por alta de petróleo/gás e limitações de oferta. Perspectiva é de volatilidade frente ao conflito Israel x Hamas e tensões no Oriente Médio.

SOJA

Soja segue estável no Brasil e em Chicago, cotada a R\$ 142/saca no porto de Paranaguá/PR e US\$ 12,82/bushel na bolsa neste mês. Tendência é de preços neutros/baixos no longo prazo com aumento dos estoques globais.

MILHO

Preços reagem levemente, no patamar de R\$ 59/sc (+3% em outubro). Cotação pode continuar reagindo na entressafra, mas sem alta muito expressiva. Maior produção e estoques globais em 23/24 mantêm cotações de Chicago em baixa.

TRIGO

Preços reagem no cenário interno, com trigo cotado a R\$ 1.080/t (+8% no mês) devido à quebra de safra no Sul, mas preços na Bolsa de Chicago seguem com queda acumulada de 29% desde julho, no patamar de US\$ 5,56/bushel.

ARROZ

Cenário de oferta apertada, com estoques internos reduzidos e bom volume de exportações (Índia fora do mercado) sustenta alta de 30% no preço do arroz desde o final de junho, atingindo o elevado patamar de R\$ 106/sc.

CARNES

Margens de lucro da criação de suínos e frangos seguem tendência positiva, com perspectiva favorável (baixa de custos). Preço do boi em ligeira reação, cotado a R\$ 230/arroba, mas oferta de abate segue alta com demanda enfraquecida.

INSUMOS



Figura 1. Evolução de preços de fertilizantes - R\$/tonelada (CONAB).

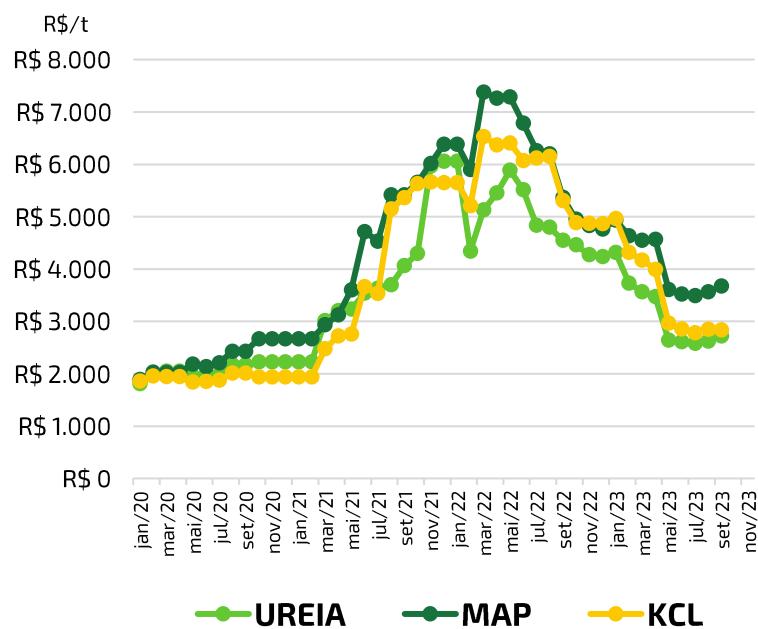


Figura 2. Relação de troca (sacas/hectare) para aquisição do pacote de fertilizantes + defensivos para hectare de soja no Cerrado (Cogo Inteligência em Agronegócio).

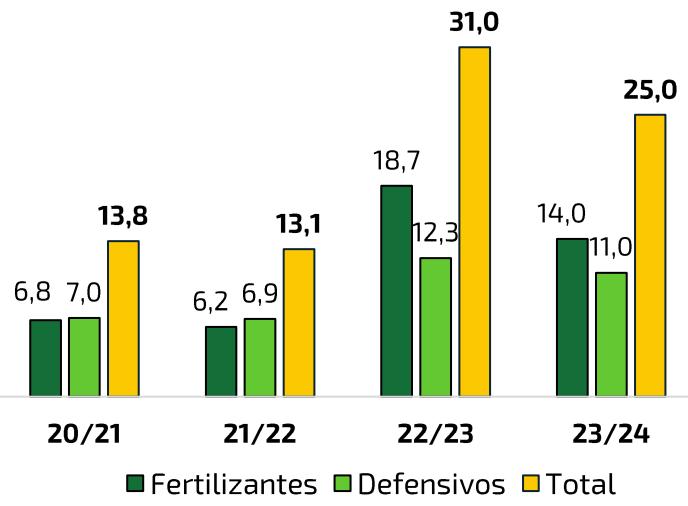


Figura 3. Rentabilidade: margem líquida de safras (Cogo Inteligência em Agronegócio).

	SOJA	MILHO	ARROZ	TRIGO	ALGODÃO
22/23	12,5%	5,6%	4,8%	16,5%	4,4%
23/24	18%	7,5%	19,4%	13,4%	21,5%

Os preços dos principais insumos de produção já retornaram aos patamares de 2021, consolidando uma baixa significativa. Em relação aos defensivos, o preço do glifosato recuou expressivamente (-62%), saindo do patamar de R\$ 77 para R\$ 29/litro. Na mesma tendência, os preços de fertilizantes acumulam quedas fortes (-54% para ureia cotada em R\$ 2.720/t, -50% para o MAP em R\$ 3.675/t e -56% para o KCL em R\$ 2.839/t desde seus picos em 2022), em função da menor demanda internacional e retomada da oferta global de fertilizantes. No entanto, os preços de adubos vêm registrando subindo recentemente, movidos por altas de petróleo/gás por conta das tensões da guerra Israel x Hamas no Oriente Médio. A alta das commodities de energia encarece a fabricação e transporte de insumos, o que deve inibir chances de baixa de fertilizantes e insumos em geral. Caso a guerra tenha uma escalada, é possível ver uma elevação significativa dos custos de adubos e outros insumos no futuro.

No primeiro trimestre de 2022, a guerra entre Rússia e Ucrânia provocou um grande choque nas cotações de diversas commodities dos setores de energia, agricultura e fertilizantes. Naquele período, o Índice de Fertilizantes do World Bank, indicador que representa o preço internacional de adubos N-P-K, atingiu o seu maior pico da história (294 pontos). Além dos preços altos, o Brasil também enfrentou uma grande incerteza quanto ao abastecimento (cerca de 85% da demanda é atendida via importação), em função da sua dependência de fertilizantes da Rússia, que era a origem de 22% das importações. No fim, o Brasil conseguiu acessar adubos de outros países e também da própria Rússia após as tensões iniciais, registrando recorde histórico de importações para o período janeiro-setembro (30,4 milhões de toneladas).

Com o grande volume de importações, antecipadas pelo receio inicial de desabastecimento, formou-se o maior estoque de passagem de adubos da história no Brasil (recorde de 8,44 milhões de toneladas). Em paralelo, no mercado internacional, grandes consumidores de fertilizante apresentaram recuo significativo de demanda: EUA com reduções de até 25% para alguns fosfatados e Índia com *tenders* ("leilões") enxutos, provocando queda de cotações internacionais. Seguindo a tendência global, os agricultores brasileiros também retraíram sua demanda por fertilizantes diante dos preços historicamente altos (importações recuaram 8,4%), o que, aliado aos robustos estoques domésticos, contribuiu para a expressiva queda dos preços nacionais de adubos e para a melhora significativa das relações de troca commodity/adubo desde o final de 2022.

Com insumos mais baratos, são projetadas relações de troca grão/insumo mais favoráveis e custos menores na safra 23/24 para boa parte dos cultivos, mas a rentabilidade da safra 22/23 sofreu muito com as quedas de preço das commodities em 2023. Hoje, a relação de troca da soja 23/24 é estimada em 25 sacas/hectare para aquisição do pacote de adubos + defensivos no Cerrado (-19% ante safra 22/23). A estimativa de Cogo Inteligência em Agronegócio para baixa dos custos de produção da soja 23/24 é de até 18% no custeio agrícola. Neste cenário, a queda dos custos deve compensar a queda nos preços das commodities agrícolas e ainda proporcionar retornos positivos na próxima safra. Estima-se atualmente que as rentabilidades em 23/24 sejam as seguintes: +18% para soja; +7,5% para milho; +19% para arroz; +13% para trigo e +21% para algodão.

* Soja e milho (1ª e 2ª safra) = média Sul e Centro-Oeste.

** Algodão = média Centro-Oeste.

*** Arroz e trigo = média Sul.

SOJA



Figura 1. Oferta e demanda mundial. (USDA).

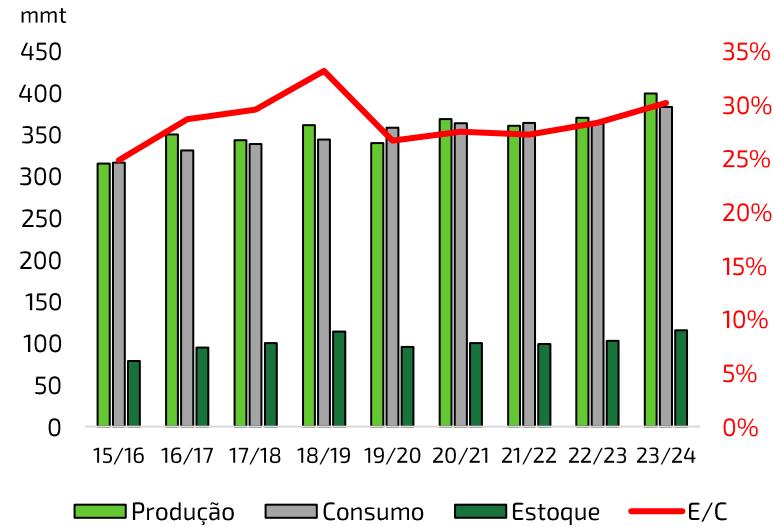


Figura 2. Preços: Chicago x Brasil (CME Group; CEPEA).

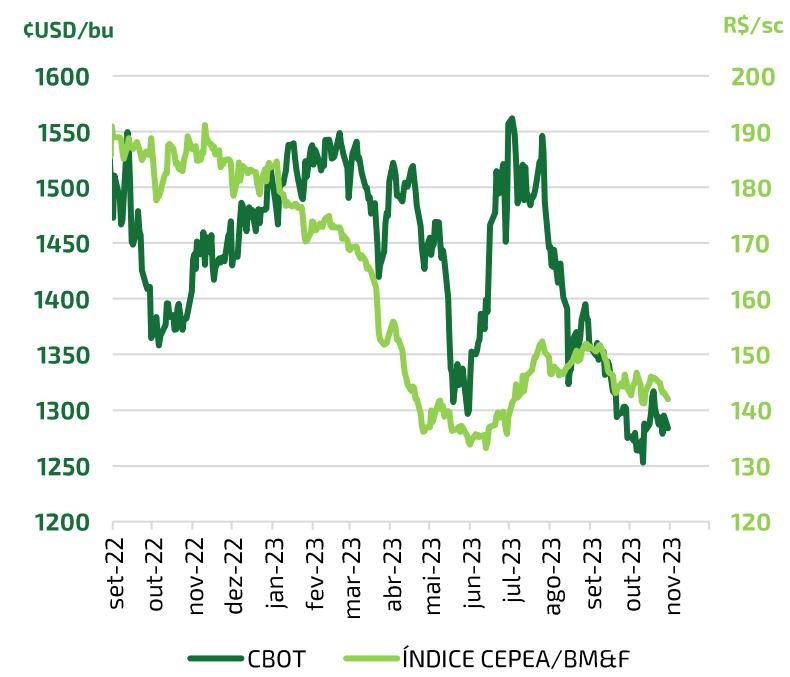
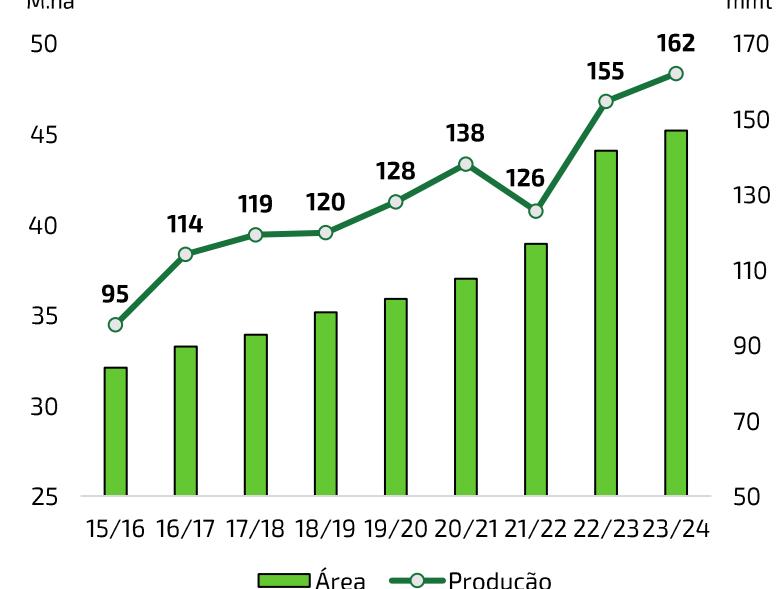


Figura 3. Área e produção brasileira (CONAB, USDA).



De acordo com as projeções de outubro do WASDE (USDA), o cenário global de oferta e demanda de soja na safra 23/24 será de fortíssima recomposição da oferta, sendo bem menos restrito que o observado nas safras 21/22 e 22/23, quando havia maior escassez de soja no mundo. A projeção mundial aponta uma produção de 400 milhões de toneladas (mmt) e um consumo de 383 mmt, formando um dos maiores excedentes da oferta frente a demanda no século 21. Após a forte redução de estoques pelas quebras de 21/22 e 22/23, o contrário deve ocorrer em 23/24: os estoques finais de soja devem ser recompostos através das novas colheitas, saindo de 102 mmt para 116 mmt, exercendo grande pressão de baixa nos preços. Com essa recuperação de estoques, a relação Estoque/Consumo (E/C) em 23/24 deve atingir 30,2%, o que representa um grande salto ante os 28,3% da safra 22/23 e sugere preços médios menores nesta temporada. A relação E/C deve ser bastante elevada na safra 23/24 (30,2% contra 28,6% na média das últimas cinco safras), o que limita muito as chances de altas expressivas de preço em 2023/24.

No cenário de preços internacionais, a Bolsa de Chicago vem registrando quedas significativas desde julho. Do lado da oferta, a atenção do mercado estava voltada às quebras de safra por seca/calor nos Estados Unidos, o segundo maior produtor/exportador de soja do mundo, cuja safra deve registrar redução superior a 9%, saindo de 122,8 para 111,7 mmt. Essas quebras sustentaram alta de 19% na bolsa de junho a julho, mas com a chegada da colheita americana (safra já 85% colhida), não há espaço para quebras maiores, o que limitou mais altas de cotações. Por outro lado, com o plantio na América do Sul, que tende a progredir sem maiores complicações, a perspectiva de uma safra recorde no Brasil (163 mmt, +4,5% ante 22/23) e recuperação de safra na Argentina (48 mmt, +92%) favorecem a retomada da oferta de soja e pressionam baixas nas cotações de Chicago, que cederam de US\$ 15,62 para 12,82/bushel (-18%) desde julho.

No cenário de preços do Brasil, por outro lado, houve certa recuperação no preço da soja. Desde janeiro, quando a soja estava cotada a R\$ 184/saca (referência porto de Paranaguá/PR), o preço do grão chegou a registrar uma queda expressiva de 30% até junho. A queda no Brasil foi explicada principalmente pela forte pressão de baixa dos prêmios de exportação, que chegaram a atingir US\$ -1,9/bushel. Isso ocorreu por conta da realidade local de oferta e demanda do Brasil, onde houve um excesso de oferta do grão, com a safra recorde de +155 mmt, a concentração das operações de colheita (chuvas em excesso), o maior déficit de armazenagem de grãos da história do país, a comercialização atrasada da safra e logística precária. Entretanto, passado o pico de colheita e exportações de soja no Brasil, os prêmios voltaram a se fortalecer, atingindo US\$ +0,5/bushel, o que promoveu uma recuperação significativa de preço da soja. Além disso, o câmbio também contribuiu para a recuperação de preço da soja, com o dólar saindo de R\$ 4,7 para cerca de R\$ 5,0. Na colheita da safra 23/24, há o risco de um cenário de preços parecido com o de 22/23, quando o preço da soja no Brasil recuou significativamente a partir de fevereiro, em função de prêmios de exportação caindo bruscamente no pico de safra.

Em outubro, o preço da soja spot na Bolsa de Chicago variou apenas 0,4%, saindo de US\$ 12,75 para US\$ 12,82/bushel. No Brasil, a queda foi de 1,4%, com preços no porto de Paranaguá saindo de R\$ 144 para R\$ 142/saca. Uma recuperação expressiva da soja no Brasil no curto prazo é pouco provável, com preços que devem permanecer relativamente estáveis.

MILHO



Figura 1. Oferta e demanda mundial (USDA).

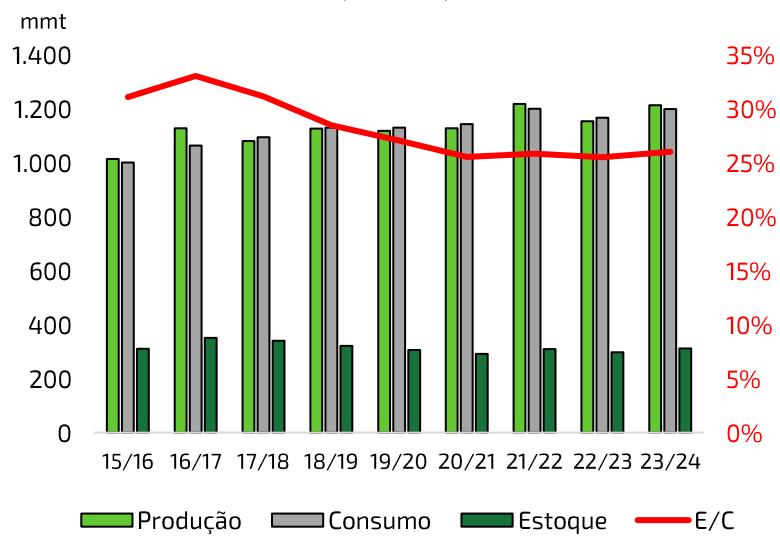


Figura 2. Preços: Chicago x Brasil (CME Group; CEPEA).

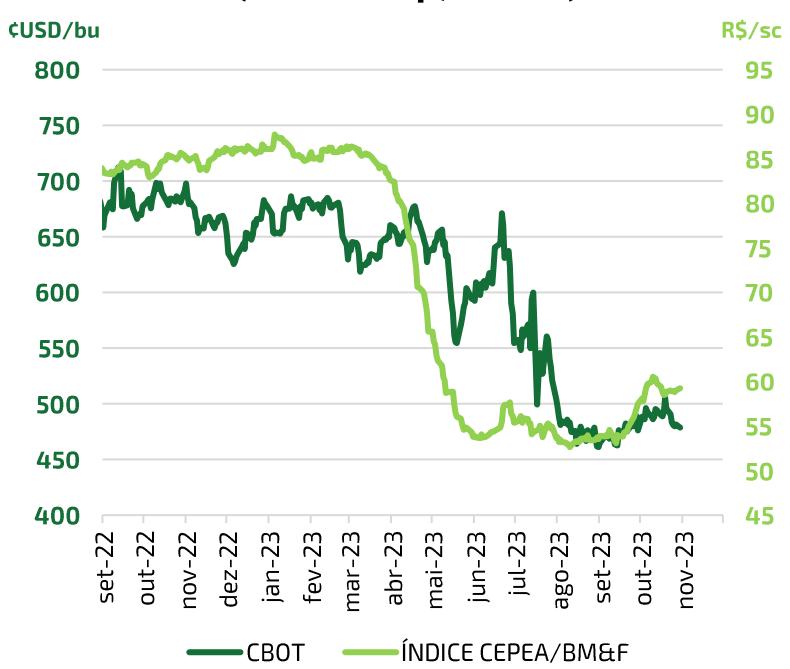
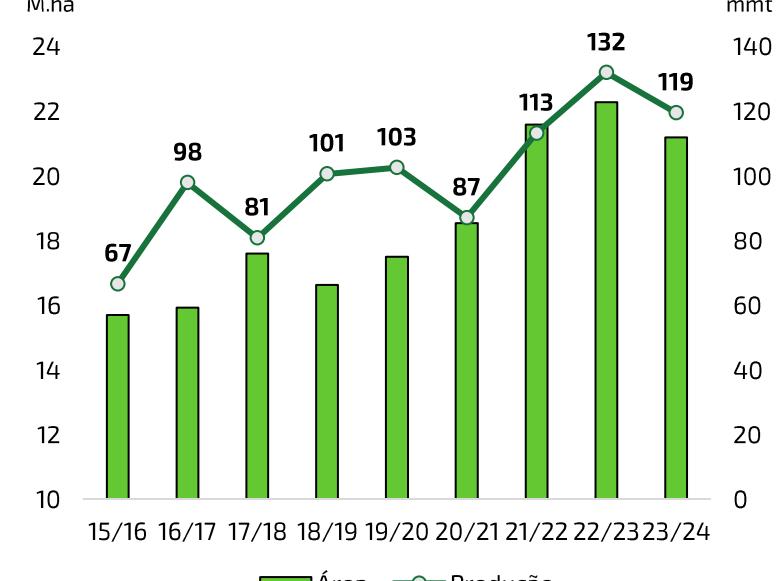


Figura 3. Área e produção brasileira (CONAB).



O cenário global de oferta e demanda de milho 23/24, segundo as projeções de outubro do WASDE (USDA), também será de recuperação da oferta, diminuindo a escassez de milho observada nos últimos anos. Para 23/24, a projeção indica uma produção mundial recorde (1.214 mmt) e superior ao consumo (1.200 mmt), consolidando um excedente global da oferta frente à demanda. Com o excedente de oferta, os estoques mundiais de milho serão recompostos, aumentando de 298 mmt para 312 mmt ao final da temporada 23/24. Em função do grande abastecimento de estoques, a relação Estoque/Consumo (E/C) tende a crescer, mantendo-se em torno de 26%, ao sair dos 25,5% da safra 22/23. Do ponto de vista de fundamentos, este cenário de recomposição da oferta sugere que os preços do milho devem apresentar cotações médias mais baixas em 23/24 do que o observado em 22/23.

O cenário da última safra (2022/23) foi o de um mercado cuja oferta sofreu repetidas baixas, desde conflitos geopolíticos até adversidades climáticas. Segundo o USDA, os EUA (maior produtor e exportador de milho do mundo) teve sua safra passada estimada em 348 mmt, uma redução de 21 mmt em relação à projeção inicial, por conta de quebras (seca e calor excessivo), o que diminuiu em 33% as exportações americanas na comparação com 21/22. A Argentina, terceiro maior exportador, teve uma menor área plantada de milho (-400 mil hectares), sofreu com estiagem, plantio atrasado e teve quebra superior a 20% (BCBA). No Brasil, também foi registrada quebra expressiva no milho 1ª safra do Rio Grande do Sul em 22/23.

Na safra 2023/24, por outro lado, as perspectivas mudam completamente. Com o forte aumento de área plantada de milho (+7%) nos Estados Unidos, o maior produtor do cereal no mundo, a expectativa é de que a oferta global em 23/24 seja o exato oposto dos últimos anos, rumando em tendência de recuperação dos estoques do grão, o que resulta em grande pressão de baixa para os preços de milho. De junho a julho, condições climáticas desfavoráveis (seca/calor excessivo) geraram incerteza sobre a produção de milho americana, o que promoveu alta das cotações do grão em Chicago. Contudo, as expectativas de quebra depois foram reduzidas significativamente com melhores condições de clima e qualidade de lavouras, com uma safra americana estimada em 383 mmt, o que fez com que os preços do milho voltassem a cair na bolsa, saindo do patamar de US\$ 6,5/bushel para abaixo de US\$ 5/bushel. Neste cenário de retomada da produção, o Brasil é um país que aproveita este contexto e deve consolidar seu protagonismo no mercado de milho, ocupando o posto de maior exportador global do grão por duas safras consecutivas (algo que nunca ocorreu antes), exportando 57 e 55 mmt, respectivamente, nas safras 22/23 e 23/24. Apesar dos recordes brasileiros em 22/23, a produção e área plantada do Brasil não devem aumentar em 23/24, por conta da queda do preço do milho e menor rentabilidade em áreas de 2ª safra.

Em outubro, o preço spot do milho na Bolsa de Chicago seguiu estável, saindo de US\$ 4,79/bushel para US\$ 4,76/bushel. No Brasil, por outro lado, o grão teve valorização de 3% no mês, saindo do nível de R\$ 53/sc em setembro e atingindo o patamar de R\$ 59,2/sc. O preço do milho pode continuar se valorizando à medida que a entressafra se adentra e os prêmios de exportação se fortalecem, movidos por forte recuo de área plantada em 23/24 (-4,8% ante última safra) mas não se espera alta expressiva e sustentada no longo prazo.

TRIGO



Figura 1. Oferta e demanda mundial (USDA).

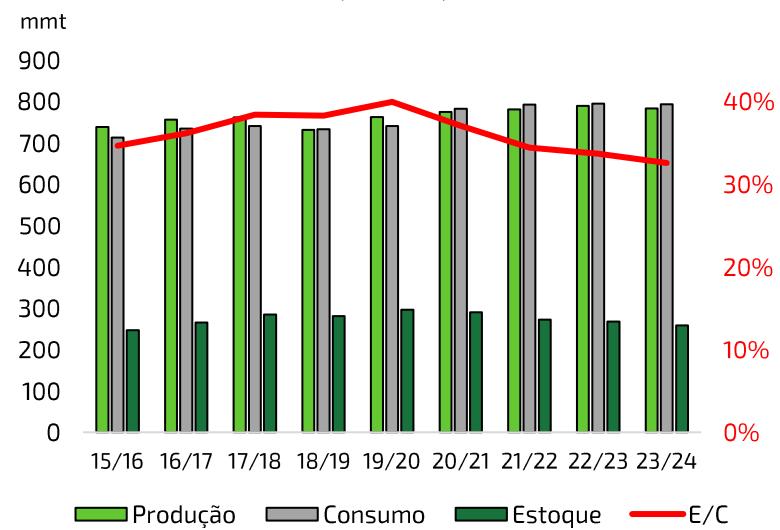


Figura 2. Preços: Chicago x Brasil (CME Group; CEPEA).

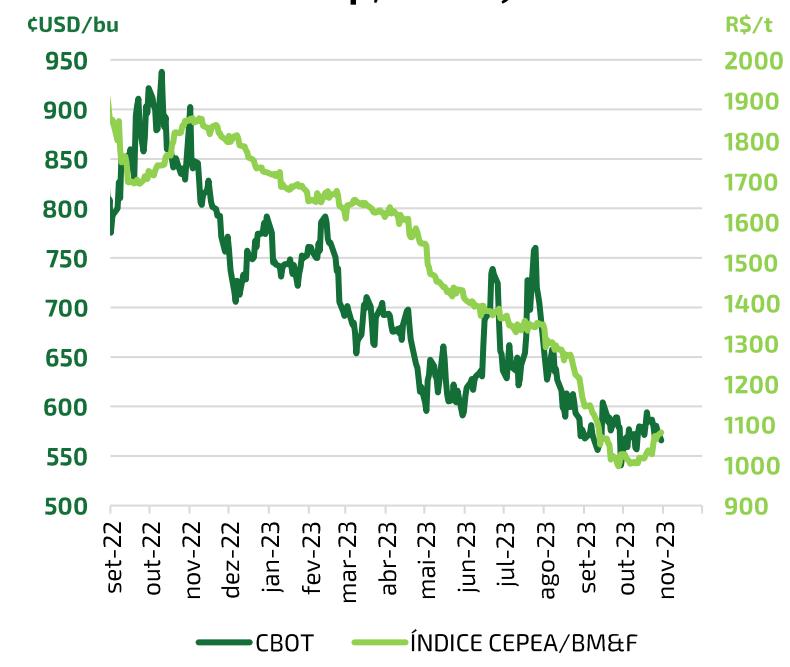
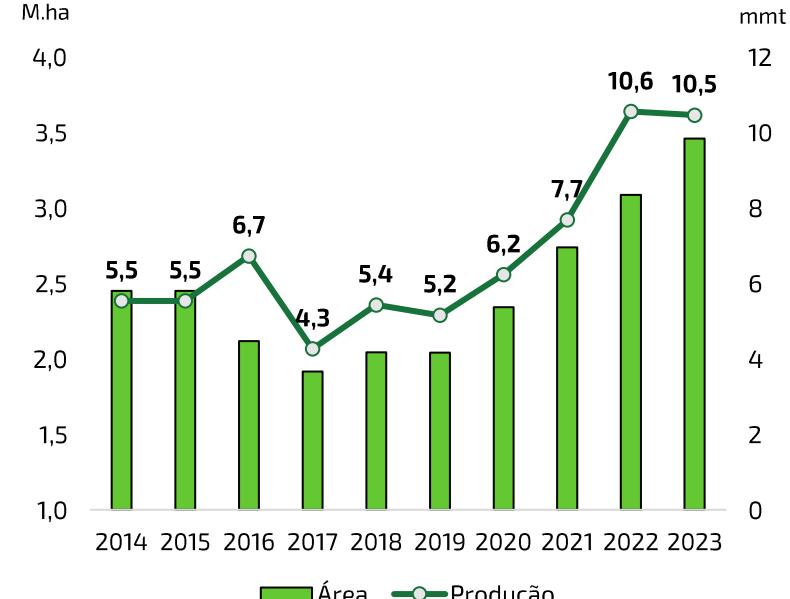


Figura 3. Área e produção brasileira (CONAB, Cogo Consultoria).



Para o trigo 2023/24, segundo a projeção de outubro do relatório WASDE (USDA), a relação de oferta e demanda mundial tende a seguir semelhante à temporada 22/23, continuando mais apertada do que a média histórica. Na safra 23/24, o trigo ainda sofrerá com os efeitos das disfunções de oferta da guerra na Ucrânia. A projeção mundial de trigo indica uma produção (783 mmt) abaixo do consumo (793 mmt), perpetuando a tendência de consumo de estoques, que havia estimulado altas de preço dos últimos anos. Consequentemente, os estoques de trigo tendem a ficar mais apertados, recuando para o patamar de 258 mmt. Com isso, a relação Estoque/Consumo (E/C) do trigo deve oscilar na faixa de 32,6%, abaixo da última safra, em função de uma demanda que ainda deve permanecer sólida. Em termos de fundamentos de oferta e demanda, este cenário deve tornar menos provável que o ritmo de forte baixa do trigo, (observado desde 2022) continue de forma tão intensa, podendo até estimular altas.

Do lado da oferta, as restrições em relação à guerra Rússia/Ucrânia continuarão ditando o mercado. Em julho/2022, meses após o início da guerra, quando a Ucrânia não conseguia exportar seus grãos, firmou-se o acordo da Iniciativa de Grãos do Mar Negro. O tratado, mediado pela ONU, feito entre Rússia e Ucrânia, com apoio da Turquia, consistia em permitir que a Ucrânia exportasse grãos através de um corredor no Mar Negro, sem que a Rússia atacasse os navios de carga. O objetivo era garantir o abastecimento e segurança alimentar global e controlar a inflação de alimentos, pois a Ucrânia é um grande fornecedor de milho e trigo. Para isso, combinou-se que os navios que adentravam o Mar Negro seriam revistados por Rússia/Turquia/ONU para garantir que não continham armamentos, e a Rússia teria reivindicações atendidas (reintegração ao sistema financeiro internacional, alívio de sanções, etc.).

Apesar da incerteza quanto às suas renovações, o acordo operou bem em 22/23 e a Ucrânia conseguiu exportar um volume relevante de trigo (11 mmt ante os 17 mmt da safra anterior), pressionando baixa de preços do grão. Em 23/24, por outro lado, houve o rompimento do acordo em julho/23 por parte da Rússia, alegando que sua parte não estava sendo atendida e impedindo que a Ucrânia escoe seus grãos por vias alternativas, o que gerou alta das cotações de junho a agosto. Entretanto, desde então, a Rússia vem atuando como força de baixa do trigo nos últimos meses após o seu pico de colheita, através de seu grande volume de safra (85 mmt) e recorde de exportações (50 mmt), ofertando trigo barato (desconto de prêmio de risco) ao mundo e compensando em partes as limitações de oferta e escoamento de grãos da Ucrânia pelo Mar Negro. Recentemente, a Ucrânia vem dando vazão a suas exportações ao criar outro corredor, protegido de ataques russos, escoando grãos a sudoeste do Mar Negro, trazendo mais pressão de baixa aos preços.

Ao fim de outubro, o preço do trigo spot permaneceu em baixa, acumulando queda de 29% na Bolsa de Chicago desde julho, cotado hoje a US\$ 5,56/bushel. No Brasil, o preço acumula alta de 8%, cotado a R\$ 1.080/t, movido por quebra de safra (excesso de chuvas na colheita e reduções de qualidade do trigo no Sul). Altas do trigo nacional podem continuar no curto prazo caso as perdas se agravem, mas uma alta sustentada no médio/longo prazo é pouco provável em função de mais uma grande safra nacional (superior a 10 mmt), com moinhos bem abastecidos (demanda limitada), cotações internacionais em queda e perspectiva de recuperação da safra argentina, permitindo maior importação de trigo para o Brasil.

ARROZ



Figura 1. Oferta e demanda – Brasil (CONAB).

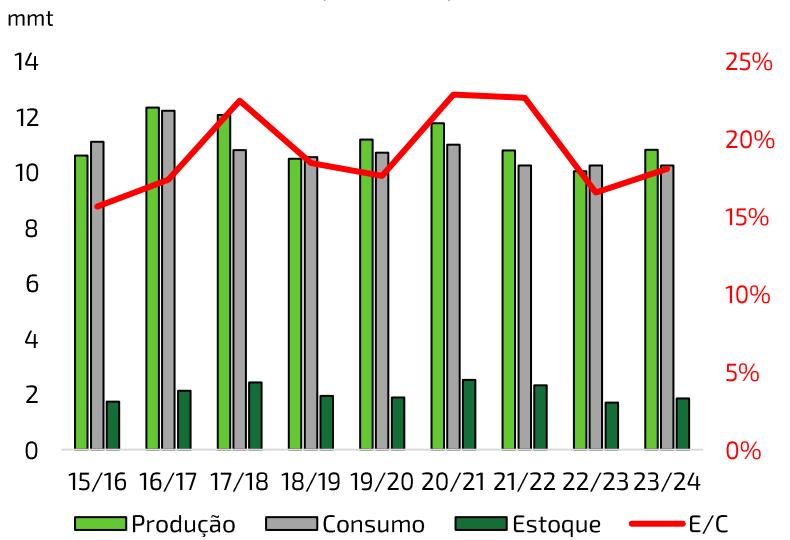


Figura 2. Preços: Rio Grande do Sul (CEPEA/IRGA-RS).

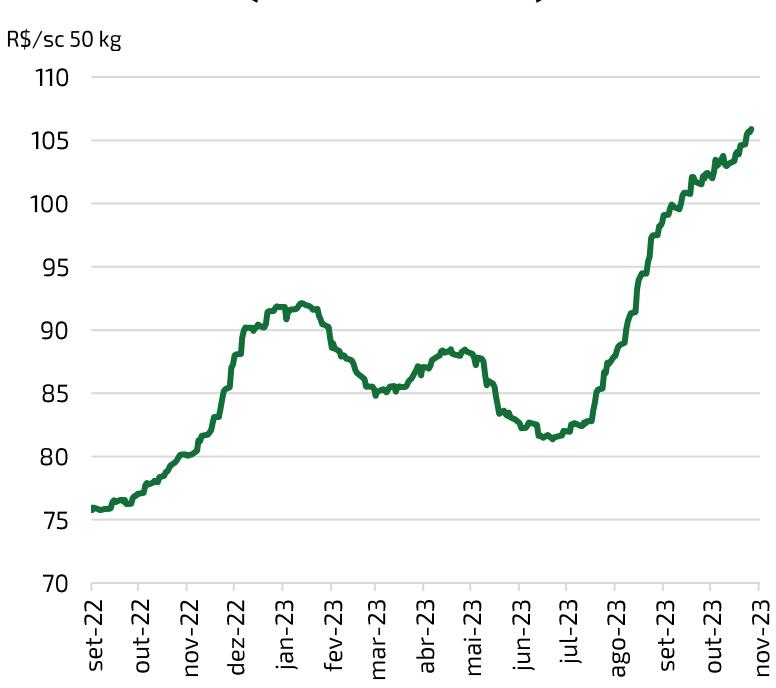
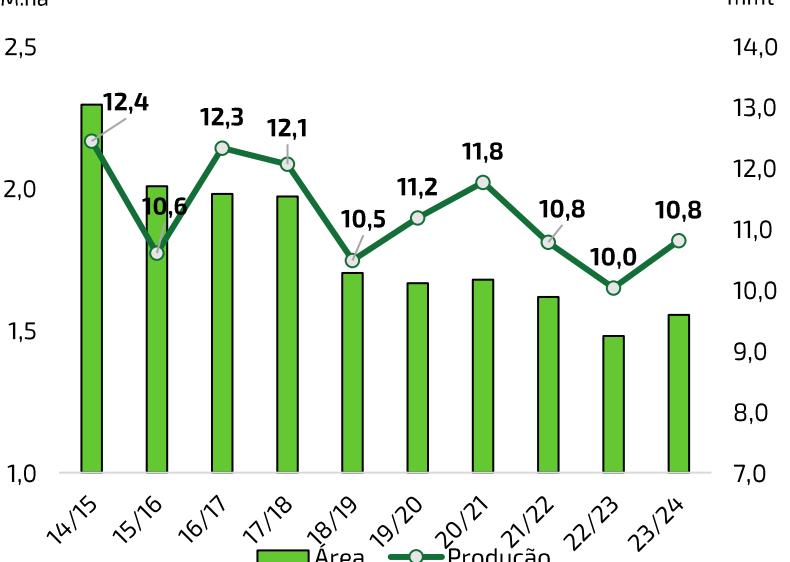


Figura 3. Área e produção brasileira (CONAB).



Segundo projeções da CONAB, a relação de oferta e demanda do arroz brasileiro em 23/24 tende a ser menos apertada do que a da última safra. Em outubro, as estimativas indicam uma produção de 10,8 mmt ante um consumo de 10,25 mmt, o que representa um superávit da oferta frente à demanda. Apesar do excedente interno de oferta, estima-se que o saldo de exportações (1,7 mmt) frente importações (1,3 mmt) deve ser positivo, o que sugere maior saída do grão e que o câmbio ao longo de 23/24 deve ser decisivo para o mercado do arroz através do balanço de exportações x importações. Com uma produção nacional superior ao consumo, mesmo com bom desempenho exportador, os estoques finais de arroz 23/24 serão levemente aumentados de 1,7 para 1,85 mmt, diminuindo a escassez de oferta da última safra. Nesse cenário, a relação Estoque/Consumo (E/C) da safra atual é projetada em 18,1%, valor que é inferior à média das últimas cinco safras (19,6%), mas é maior que o observado em 22/23, o que sugere tendência de preços médios menores em 23/24 do que em 22/23, mas com cotações ainda sustentadas em patamares historicamente altos.

Nas últimas duas safras brasileiras (21/22 e 22/23), a oferta de arroz foi prejudicada. Tanto em 21/22 quanto em 22/23, a produtividade foi prejudicada por seca e ondas de calor (La Niña) que acometeram Rio Grande do Sul e Santa Catarina, estados responsáveis por mais de 80% da produção nacional. Considerando as projeções iniciais, estima-se que a produtividade das safras tenham sido reduzidas em -2,1% (21/22) e -3,1% (22/23) por conta das quebras. Além das reduções de produtividade, a área plantada de arroz também despencou nos últimos anos, em função de rentabilidades de cultivo muito baixas, estimulando uma migração de plantio do arroz para a soja no Sul do país, fazendo a área plantada total de arroz cair de 1,68 M.ha para 1,48 M.ha (-12%) nos últimos três anos.

A consequência de menores produtividades e áreas plantadas foram reduções consecutivas da safra nacional de arroz, saindo de 11,8 para 10 mmt (-15%) de 20/21 até 22/23. Este cenário, somado a um ótimo desempenho das exportações brasileiras de arroz no mesmo período, pressionou baixa de estoques e sustentou alta das cotações do grão. Adicionalmente, a Índia, maior exportador global de arroz, responsável por 36% do mercado, anunciou banimento das suas exportações de arroz com medo de desabastecimento interno e encarecimento do custo de alimentos, o que provocou alta das cotações internacionais do grão, impulsionando exportações de outros países fornecedores, como o Brasil. Este movimento da Índia é o grande responsável por impulsionar maiores altas do preço do arroz no Brasil, que já vinha com estoques baixos do grão, e deve sustentar viés de alta nos preços do arroz até o fim da entressafra. Por outro lado, analisando a temporada 23/24 de arroz, espera-se que uma recomposição de área plantada no Brasil (+5,1% para 1,55 M.ha), movida por melhores rentabilidades do arroz, sem maiores problemas climáticos, deve entregar uma recuperação da produção para 10,8 mmt (+7,7%), estimulando um ligeiro aumento de estoques e limitando altas de preço a partir da colheita de 2024.

Atualmente, com o cenário interno de estoques apertados e a exclusão da Índia do comércio global de arroz, favorecendo exportações brasileiras, o preço do arroz continua em alta no Brasil. Caso a Índia continue fora do mercado, o viés de alta para preços do arroz no Brasil permanece forte. Desde junho, o preço do arroz saiu de R\$ 82 para cerca de R\$ 106/sc em outubro, acumulando alta de 30%.

CARNES



Figura 1. Preços do boi gordo, frango e suíno (CEPEA, Cogo Inteligência em Agronegócio).

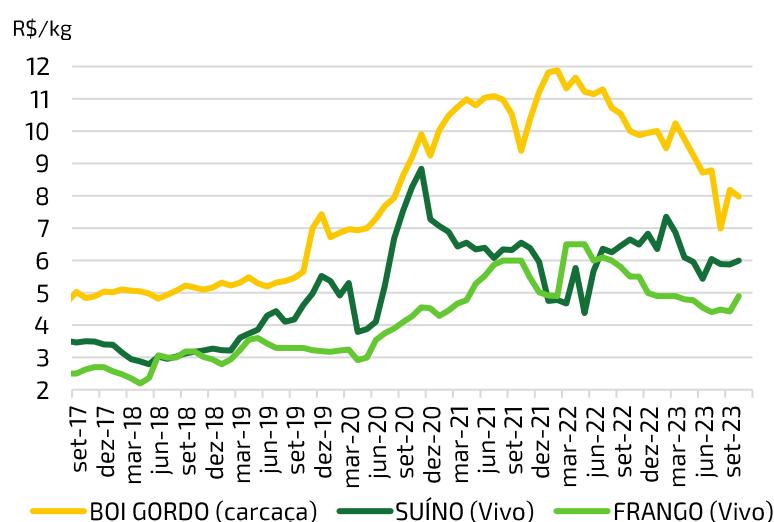


Figura 2. Relação de troca (kg de peso vivo/100 kg insumo) de frangos e suínos para aquisição de milho e farelo de soja (Cogo Inteligência em Agronegócio).

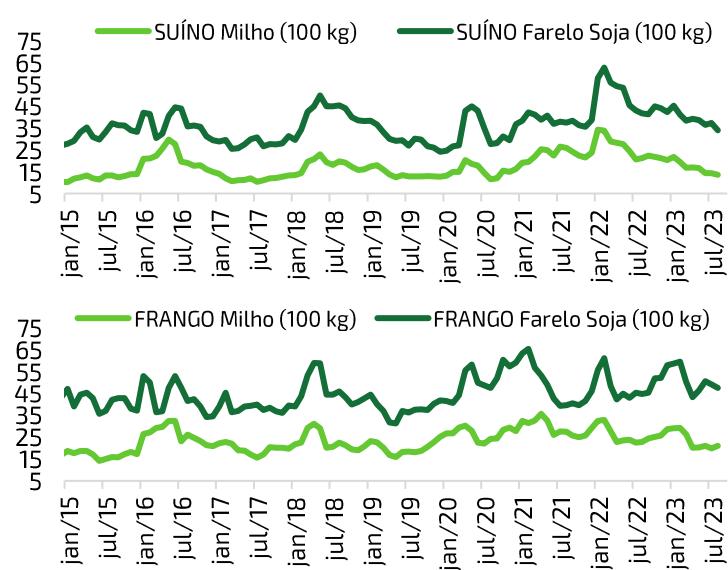
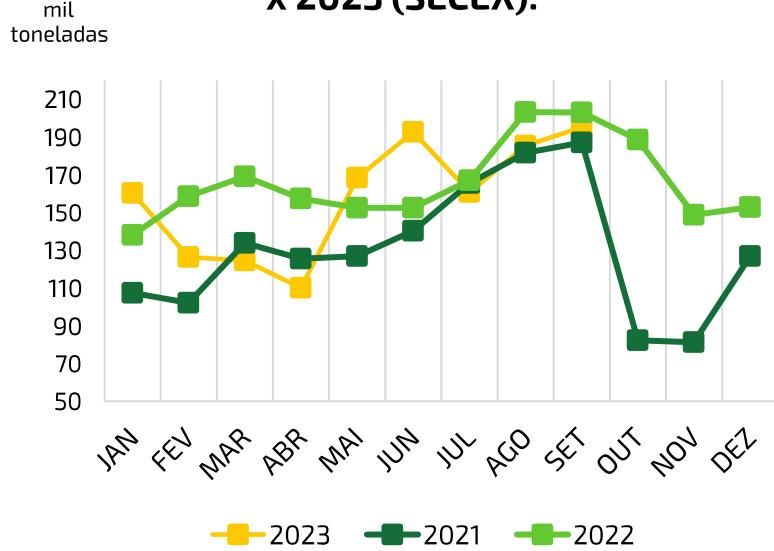


Figura 3. Volume de exportações brasileiras de carne bovina – 2021 x 2022 x 2023 (SECEX).



Para bovinos, apesar da recente reação de preços, o cenário segue com baixa acumulada de 20% no ano, com o boi gordo cotado hoje em R\$ 230/arroba na B3. Para suínos, o preço seguiu no mesmo patamar de R\$ 6/kg de peso vivo no mês, enquanto as margens de lucro da suinocultura vêm se recompondo e ficando positivas. O preço do frango também seguiu estável, na faixa de R\$ 4,9/kg de peso vivo neste mês, enquanto os riscos de gripe aviária no Brasil ainda são motivo de alerta para o setor.

Em 2023, a pecuária brasileira vem sendo alvo de risco por parte de doenças animais. No início do ano, o caso de mal da vaca louca trouxe caos ao mercado do boi, interrompendo exportações de carne bovina e provocando forte queda no preço do boi, mas a situação já foi resolvida. Dessa vez, a ameaça segue no mercado de frangos: caso a gripe aviária adentre o Brasil em larga escala, podemos esperar impactos significativos nas exportações e preços da carne de frango, principalmente se a doença acometer as Regiões Sul e Sudeste, que representam mais de 80% do abate de frangos do país. Contudo, de acordo com a Organização Mundial de Saúde Animal, um país pode continuar exportando carne de frango desde que a produção venha de uma área fora de um raio de 10km de um foco detectado de gripe aviária em ave comercial. Nesse caso, se a doença acometer o Brasil apenas localmente, principalmente longe de Sul/Sudeste, os impactos na produção, exportação e preços devem ser apenas restritos. Segundo o MAPA, os casos de gripe aviária estão em queda, com 137 focos no Brasil (134 em aves silvestres, 3 em aves de subsistência e 0 em aves comerciais), mas o alerta permanece.

No mercado de suínos, com a alta de preço do animal desde o último ano (+37% desde maio/22), o cenário vem se tornando menos desafiador para os produtores. A relação de troca suíno/ração melhorou significativamente tanto para o milho, quanto para o farelo de soja. Nos últimos 12 meses, o criador precisava produzir, em média, 19 kg e 41 kg de suíno vivo para adquirir 100 kg de milho e de farelo de soja, respectivamente, mas hoje é necessário apenas 14 kg (-28% no milho) e 41 kg (-17% no farelo). A rentabilidade do setor continua melhorando, atingindo margens de lucro positivas (margem saiu de R\$ -3 para R\$ +0,5 por kg de suíno vivo, de mar/22 até hoje). A perspectiva futura de redução significativa nos custos de produção, com quedas no preço de milho/soja e estabilidade no preço do animal, deve favorecer bastante os criadores de suínos (e de frangos também).

No mercado de frangos, no comparativo com a média dos últimos 12 meses, a relação de troca frango/ração melhorou para o milho (-14% em 21 kg de frango vivo/100 kg de milho) e para o farelo de soja (-7% em 47 kg vivo/100 kg farelo). Neste cenário, a margem de lucro segue positiva para a criação de frangos (R\$ +0,23 por kg de peso vivo), mas o alerta continua para os casos de gripe aviária.

No mercado do boi gordo, o principal responsável pela queda de preço acumulada no ano é a inversão do ciclo pecuário, com maior abate de fêmeas/vacas e, consequentemente, mais bovinos como um todo, aumentando muito a oferta de abate. Do lado da demanda, o consumo doméstico muito fraco não deve impulsionar altas significativas, mesmo com a retomada dos volumes de exportação. Esta tendência de baixa pode se reverter em 2024, com uma inversão do ciclo pecuário no próximo ano.



**Confira os nossos
conteúdos em:**

[https://www.sicredi.com.br/site/investimentos/analises-
economicas-financeiras/](https://www.sicredi.com.br/site/investimentos/analises-economicas-financeiras/)

Gerência de Análise Econômica

analise_economica@sicredi.com.br

DISCLAIMER: Esse documento foi produzido pela Gerência de Finanças Corporativas e Economia do Banco Cooperativo Sicredi S.A. e tem por objetivo fornecer informações de indicadores econômicos. Ressaltamos, no entanto, que as análises bem como as projeções contidas refletem a percepção da Gerência de Finanças Corporativas e Economia no momento em que o texto é produzido, podendo ser alteradas posteriormente. O Banco Cooperativo Sicredi S.A. não se responsabiliza por atos/decisões tomadas com base nos dados divulgados nesse relatório.